

SARAMAGO, JOSÉ (2000), *A Caverna*, Editorial Caminho

***A Caverna*, o epicentro da sociedade consumista do séc. XX**

Ana Beatriz Martins

Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Bragança

beatrizmartins1983@hotmail.com

A Caverna apresenta-se ao público como uma obra da literatura contemporânea de inspiração na alegoria platónica com o mesmo nome, em que Saramago esboça o mundo moderno, no qual o Homem é prisioneiro da sua ignorância. O autor tece uma dura crítica à sociedade contemporânea, através da escrita de um romance *engajado*, de reação contra o apocalipse cultural, o capitalismo desenfreado e a fragmentação racional da humanidade. Um romance recheado de personagens fictícias, no qual Saramago tenta, através de uma ótica popular, restituir à literatura, a sua tarefa de crítica do presente e das suas contradições. Através desta obra, o autor serve-se da luta pela sobrevivência, de uma tradicional e humilde família de oleiros, que se depara com uma situação de impotência perante uma sociedade de consumo que metaforiza a sociedade portuguesa atual.

O romance *A Caverna* centra-se num oleiro chamado Cipriano Algor que produz louças de barro para vender exclusivamente ao “Centro”. Num inesperado momento, Algor recebe a notícia que os seus produtos artesanais tinham sido preteridos por “louças” de plástico, consideradas leves, práticas e sofisticadas.

No núcleo desta trama encontra-se a evidente dicotomia entre o personagem Cipriano Algor, um oleiro, uma profissão repleta de simbolismo, sendo comparada pelo escritor ao ato criativo divino, e o “Centro”, um organismo auto-suficiente, onde é possível consumir o imaginável e o inimaginável, provido de um cinismo e sagacidade devorador de todo e qualquer tipo de comportamento humanizante, no qual não é difícil vislumbrar o “Centro Comercial” ou célebre “shopping”.

Após o “Centro” decretar a morte da olaria, o patriarca da família, não possui meios necessários para sobreviver e vê-se, assim, obrigado a partir para o “Centro”. Cipriano, sem condições para alcançar o seu íntimo desejo de união com Isaura e ao abandonar o cão, Achado, pois no “Centro” não aceitam animais, mergulha numa profunda melancolia. Este sente-se fragmentado, como um peregrino deslocado, começa a deambular pelo “Centro” e, explorando os íntimos e hostis recantos do mesmo, faz uma cintilante descoberta, no local onde realizam as aparentes escavações para ampliá-lo, encontra ser humanos mumificados. Esta impressionante descoberta deixa Cipriano petrificado, fitando aqueles seis seres

acorrentados, em condições que faziam lembrar as figuras descritas por Platão n' *A República*. O oleiro decide fugir do “Centro”, em comum acordo com a filha e o seu o genro decide acompanhá-los. Estas três personagens, na companhia de Isaura e de Achado, partem à procura de um novo palco, onde possam trilhar os caminhos de uma nova vida.

Saramago, nesta obra, contesta o valor conferido à cultura, ou à ausência da mesma, na sociedade portuguesa contemporânea. Sendo este um livro multirreferencial é, em nosso entender, o romance mais filosófico do autor português. Podemos evidenciar que nele existe uma estreita relação com a obra VII *d'A República* de Platão, o célebre Mito ou Alegoria da Caverna.

O mito da caverna é talvez das alegorias mais significativas da história da filosofia. A poderosa metáfora de Platão simboliza a passagem da humanidade da obscuridade para o conhecimento.

É certo que Saramago traça um paralelismo em relação à caverna descrita por Platão, que se estende às elementares dicotomias entre luz vs. escuridão e ignorância vs. conhecimento.

Neste romance, o autor repudia a esfera capitalista para enfatizar a simples condição humana, em relação à qual o trabalho se torna uma atividade vital, o fôlego do homem, que orienta as suas ações, dando sentido à sua vida e às relações com o próximo. Saramago tenta impelir o leitor a uma reflexão sobre os efeitos nefastos do Ocidente industrializado e tecnocrata que, em nome da evolução, abuliu o sentido humanizador da vida. Tal como Cipriano refere, “vergonha” na vida, ou seja, “ser tratado como um inhoto, um coisa nenhuma, e ainda por cima ter de reconhecer que a razão está do lado deles, que para o Centro não têm importância nenhuma uns toscos pratos de barro vidrado, (...) É isso que somos, para eles, zero” (Saramago, 2000, p.99). Nas duras críticas à globalização, o escritor através de um texto intencionalmente elaborado, transmite uma mensagem de rebeldia intelectual e exalta a indiferença cultural e artística do homem moderno.

O escritor, neste romance, utiliza a ironia e a sátira para fazer pensar e provocar no leitor a reflexão filosófica, a constatação dos factos, ou mesmo momentos de intimismo poético. Como podemos constatar, as regras discursivas são aparentemente ignoradas e a pontuação transgredir os princípios apresentados nas aprendizagens gramaticais, apanágio da escrita do autor. O efeito pretendido é provocar uma aproximação ao discurso oral, uma fusão entre o discurso do narrador e o das personagens, um apelo à cumplicidade do leitor. As frases e a ausência de pontuação devida, permitem a pluralidade de vozes. O desvio à norma justifica-se pelo tom oralizante característico de Saramago, tal como se pode verificar nesta passagem do livro “(...) mais sensível de Cipriano Algor ao ponto de lhe fazer subir uma lagrima ao canto

do olho, Não, muito obrigado, disse, mas logo a seguir, quando o prestimoso cireneu já se afastava (...)” (Saramago, 2000, p.26).

No nosso ponto de vista, este “Centro” (Comercial) representa sublimemente o capitalismo, que danifica as relações humanas em prol da economia, que depende da super-produção, “mirrando” a vida das pessoas ditas comuns e alienando os seus postos de trabalho. Deste modo, o Centro Comercial constitui-se como metáfora de uma Caverna moderna, que substitui os afetos e as necessidades humanas em função da superficialidade e do hiper-consumismo.

Referências:

Platão. (2001). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Saramago, J. (2000). *A Caverna*. Lisboa: Caminho.